
Fios teórico-metodológicos nas poéticas orais: tramas de pesquisa em educação sensível na Amazônia

Theoretical-methodological wire in oral poetics: amazon sensitive education research straps

Dia Ermínia da Paixão Favacho
Josebel Akel Fares
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém/PA-Brasil

Resumo

Estas reflexões acerca do pensar-fazer pesquisa no campo das Poéticas Orais em consonância com a Educação Sensível na Amazônia objetiva introduzir um ensaio de busca de uma razão poética como base da educação sensível. Pretende também apontar caminhos teórico-metodológicos, de modo a exercitar o afastamento necessário do paradigma moderno no fazer científico. O referencial teórico da trama é cosido com as poéticas orais, no diálogo acerca da razão sensível e questões teórico-metodológicas. Zumthor, Maffesoli, Bachelard, Martín-Barbero, Santos e outros estudiosos, ajudam a construir fios diversos que alinhavam esta trama sensível.

Palavras-chave: Pesquisa; Educação Sensível; Poéticas Orais.

Summary

These reflections on thinking-doing research in the field of Oral Poetics in line with Sensitive Education in the Amazon aim to introduce an essay in search of a poetic reason as the basis of sensitive education. It also intends to point out theoretical and methodological paths, in order to exercise the necessary departure from the modern paradigm in scientific practice. The theoretical framework of the plot is sewn with oral poetics, in the dialogue about sensitive reason and theoretical-methodological issues. Zumthor, Maffesoli, Bachelard, Martín-Barbero, Santos, and other scholars help build diverse threads that lined this sensitive web.

Keywords: Research; Sensitive education; Oral Poetics;

Linhas iniciais da trama

Esta escritura resulta do aprofundamento do tema iniciado em pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará- PPGED/UEPA. Consistiu num esforço de organizarmos um pouco nossas reflexões e leituras sobre educação poética no espaço amazônico, região tão pouco percorrida em relação ao tema, apesar de muito propalada como lugar do exótico – fugimos desta concepção, ainda que entendamos as raízes deste pensamento.

O desafio de refletir uma educação sensível a partir de uma poética da voz, mais especificamente uma poética da voz que produz e projeta imagens de um tempo-espaço amazônico, move-se no sentido de apostar no exercício de diferentes formas de pensar, dentro de lógicas diversas que concebiam uma racionalidade aportada numa razão que se afasta do racionalismo moderno, pautado no paradigma cartesiano que fundamenta e legitima instituições sociais formais importantes na cultura ocidental, como a própria ciência, por exemplo. Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (2010) é preciso assumir uma posição epistemológica antipositivista e, este artigo traz à tona essa questão por meio da poesia como chave da educação sensível.

A poesia como chave para a construção epistemológica de uma educação sensível anunciada e realizada pela vibração da voz que constitui o imaginário e regula a vida dos seres na Amazônia e em diferentes outros lugares no mundo é mola propulsora para o exercício de outra lógica de pensamento, neste sentido o pensamento poético que faz a educação sensível é exercício fundamental de resistência ao paradigma hegemônico reprodutor da violência epistêmica e opressão que caracteriza o atual sistema social instituído. Além disso, pensar/fazer educação na Amazônia sugere fortemente assumirmos a *poiésis* de que se retroalimenta nossa cultura antes, hoje e sempre. Como nos aponta Loureiro (2001), a poesia é capaz de revelar o fundamental, o que é original nos diversos tempos da história de uma sociedade e no corpo significativo de sua cultura. Benedito Nunes (1973) afirma que somos um povo dotado de uma cultura própria com seu *ethos* peculiar. A partir desta visão, é possível falar de uma cultura amazônica.

A cultura amazônica, em que predomina a motivação de origem rural-ribeirinha, é aquela na qual melhor se expressam, mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário- casas, barcos, etc. (...) é o lugar das tensões próprias dessa sociedade onde os grupos humanos estão dispersos ao longo de extensos espaços e onde se acham mergulhados numa ideia vaga de infinitude, propiciadora da livre expansão do imaginário. Sobrevive nela uma consciência individual pela qual o homem se realiza como co-criador de um mundo em que o imaginal estetizante e poetizador se revela como uma forma de celebração total da vida. (LOUREIRO, 2001, p. 66)

A poesia, voz original, é fio tecedor fundante e, por isso mesmo indispensável à reflexão/elaboração da educação na Amazônia. Nesse sentido, pesquisas mergulhadas na cultura amazônica devem dar atenção à *Voz in Presencia*:

Garganta profunda
Aberta ao ventre do Cosmos e do Caos
Vibração da profusão
Oris, Origem, Orifício
Língua Original
Boca-lábio céu e lábio inferno-
Órgão nutrição do prazer
Órgão vômito do que não se digere
Garganta tocada pela serpente
Pecado original
Beber-te
Engolir-te
Comer-te a boca da fala criadora
Vem e rasga grave o silêncio
Grito Único
Princípio
Sopro
Vida
E Luz.
(FAVACHO, 2018. p.52)

A vibração forte da voz que é presente por regular ainda a vida dos seres na sociedade atual, é presente, também, como dádiva, pois se trata de uma voz que vibra o oris e desse modo faz tocar o Ser numa dimensão larga e profunda da sua humanidade, além do encontro com sua ancestralidade. Assim, a pesquisa em Educação Sensível na Amazônia pelos caminhos das Poéticas Oraís ganha sentido.

Um caminho de investigação, a construção teórico-metodológica elaborada é sempre uma opção epistemológica, consciente ou não. Avançar e aprofundar temas, estudos de fenômenos sociais, será sempre precedido da escolha de uma lógica de pensamento e de vida que reflete nossos modos de ser e de estar no mundo, fazendo assim refletir nosso fazer acadêmico e produção científica. Desse modo, uma reflexão quanto à concepção e abordagem teórico-metodológica que pode alinhar a urdidura dos campos da educação sensível com as poéticas orais, revela-se nos modos de observação e análise realizada a partir da vibração da voz dos intérpretes da pesquisa sob um regime crepuscular.

Fios teórico-metodológicos nas poéticas orais: tramas de pesquisa em educação sensível na Amazônia

A inspiração teórica funda-se na epistemologia bachelardiana. Estudiosos da obra do filósofo Gaston Bachelard dividiram-na didaticamente em dois regimes: o diurno e o noturno, em que o diurno corresponde aos estudos dedicados à ciência da razão, estudos estes apresentados em títulos como “O novo espírito científico” (1968), “A epistemologia” (2006). Já o regime noturno, corresponde aos estudos poéticos, representados por títulos como “O direito de sonhar” (1985), “A poética do espaço” (2003), “A poética do devaneio” (2001). Sendo assim, no trato analítico dos “dados” da pesquisa em educação sensível na Amazônia, pelos caminhos das poéticas orais é relevante buscar:

compreender este trabalho dentro de um *regime crepuscular*, figurando imagens crepusculares de categorias importantes que conformam esta investigação, tais como Ciência, Educação, Voz, Memória, Poesia e Voz Poética. Assim, a partir dos regimes diurno e noturno, as imagens crepusculares são aquelas que trazem a luz e a escuridão concomitantemente. Na projeção destas imagens, Ciência é feita de matéria objetiva e subjetiva; Educação, de razão e sensibilidade; Voz, de vibração e silêncio; Memória, de lembrança e esquecimento; Poesia, de matéria brilhante e obscura e Voz poética, de *logos* e mito. (FAVACHO, 2018, p. 47)

A partir deste regime, ouvir/sentir a vibração da voz que conta a vida distante da dicotomia racionalista que apresenta separadamente natureza e sobrenatureza, fantasia e realidade, entre tantas outras formas disjuntivas de compreensão que, na voz de razão poética da educação sensível tecedora da cultura amazônica, não apresenta correspondência, uma vez que por ela tais valores são indissociáveis: natureza é feita de matéria sobrenatural, assim como o sobrenatural é natural; do mesmo modo, a fantasia faz o real, tanto quanto a realidade é feita de fantasia. Logo, a abordagem epistemológica da pesquisa no campo das poéticas orais deve refutar a ideia de divisão entre os regimes diurno e noturno: em que o diurno reflete os estudos dedicados à ciência da razão e o noturno os estudos dedicados a uma ciência das poéticas. Aqui, deve-se conceber um *regime crepuscular*, no sentido de que a investigação se dedica à ciência da razão poética ou ainda uma poética da razão científica.

Algumas questões são importantes de serem levantadas para apontarmos a pertinência deste tipo de investigação no campo da Educação. A maior delas tem a ver com o problema da recusa da lógica do pensamento poético pelas instituições sociais formais. Esta é uma grande questão apresentada na regulação da vida social moderna e necessária de atenção na produção acadêmico-científica. Este problema aponta outro: a formação do pensamento na cultura ocidental dentro do paradigma da modernidade - que recusa a lógica

poética presente nos sujeitos e na constituição das relações do ser com o mundo - não tem respondido muito bem às questões que a vida nos tem apresentado. A busca por uma razão mais aberta, mais conjuntiva, neste tempo de transição paradigmática, de perguntas fortes e respostas fracas, torna-se indispensável a reflexão de uma educação emancipatória e transgressora da ordem hegemônica.

Vivemos um tempo de perguntas fortes e respostas fracas. Ao contrário de Habermas (1990), para quem a modernidade ocidental é ainda um projeto incompleto, tenho vindo a argumentar que o nosso tempo é testemunha da crise final do paradigma sociocultural da modernidade ocidental e que, portanto, é um tempo de transição paradigmática (SANTOS, 1995 e 2000). Os tempos de transição são, por definição, tempos de perguntas fortes e respostas fracas. (SANTOS, 2010, p.527)

Faz-se, pela razão poética, na vibração crepuscular da voz de sujeitos da pesquisa no campo da educação sensível, um caminho de transpor ao paradigma sociocultural da modernidade, de modo a colaborar com o exercício de uma ciência mais condizente com a transformação social e com a felicidade, dignidade dos seres humanos, compromisso primeiro de uma educação emancipatória que sonha um mundo melhor para todos.

Era uma vez um rio, o compêndio de geografia dizia: “o maior do mundo”. Nossos peitos pequeninos se enchiam de orgulho: o maior rio do mundo era o nosso rio. Era uma vez um rio chamado Amazonas, e com ele começa a minha vida [...]. O Amazonas e a voz de meu pai contando lendas; garças brancas e guarás vermelhos sobrevoando em multidões a ilha do Marajó; Jurupari abençoando ou castigando; japim perdendo seu cantar pelo excesso de vaidade e sendo obrigado apenas a imitar todos os outros pássaros; a lara atraindo homens e mulheres para o fundo das águas. Nas noites claras o boto deixa o rio e vem, de paletó preto e calça branca, seduzir donzelas e engravidá-las; Curupira está à nossa espreita, mas não o temamos; ele é apenas um moleque que quer brincar conosco fazendo-nos perder nosso caminho. É próprio do destino do Curupira divertir-se com as vidas humanas. (Ouço aqui a voz de minha mãe afirmando: - Nunca se brinca com os sonhos, desejos ou reivindicações das criaturas). Se ouvirmos o cantar do Uirapuru, a felicidade ficará para sempre instalada em nossos corações (Eneida, 2020, p. 38).

Buscar a Razão Poética

O pressuposto de que há uma razão, entre outras, que fundamenta a *episteme* da educação sensível, denominada de razão poética, busca responder a uma lógica de pensamento aportada numa racionalidade mais aberta, conjuntiva, interna, orgânica, complexa, paradoxal, dialética, que se realiza numa lógica propulsora da força criadora como designa o sentido aristotélico desenvolvido na obra “A Poética”, com provável data de registro entre os anos 335 a.C e 323 a.C, conforme Eudoro de Sousa (1993).

É este sentido de força criativa interior que deverá compreender a razão poética, presente e pulsante na vibração da voz que traz ensinamentos com destino de eternidade. A

voz que vibra o primordial e promove a manutenção e movência da tradição deve ser concebida num *regime crepuscular*, pois é sob essa lógica que se move a realização de uma educação sensível, que regula a vida social e constitui fortemente o imaginário amazônico, uma lógica estruturada numa razão poética. Assim, essa razão propulsiona a força criadora que faz a voz crepuscular, a tecer e a regular a vida não somente num tempo-espaço específico da Amazônia, lugar de natureza poética desde seu nascimento, pois é gerado sob a égide do mitopoético – “O reino dos amazônicos nasce, portanto, sob a força do mito. O país imaginário descende da imagem feminina das Amazonas, que desdenha o macho, mas que se aproveita dele para gestar a nação” (FARES, 2015, p. 378). - mas em diferentes lugares no mundo inteiro, pois a *poiesis*, apesar do sistema opressor em que vivemos, nos faz como sujeitos e por isso resiste em nossos corpos individuais e coletivos e em nossos modos de nos relacionarmos uns com os outros e com o mundo.

“Buscar” traz na força do verbo a movência necessária à função própria do pesquisador, que não tem nas respostas cerradas o sentido do seu processo investigativo, mas sim no movimento da investigação por si mesma. É esse movimento de busca, essa presença inquieta do pesquisador que cria, produz na própria ação de mover-se e, desse modo, intervém e transforma. E se a busca acontece pela razão poética ao sabor da voz, certamente irá (co)mover, pois a busca e encontros dar-se-ão consigo, com o Outro e com a vida.

o que importa mais profundamente à voz é que a palavra da qual ela é veículo se anuncie como lembrança; que esta palavra, enquanto traz um certo sentido, na materialidade das palavras e das frases, evoque (...) no inconsciente daquele que a escuta um contato inicial, que se produziu na aurora de toda vida, cuja marca se apagou em nós, mas que, assim reanimada, constitui a figura de uma promessa para além não sei de que fissura (ZUMTHOR, 2005, p. 64).

Essa voz que toca a memória original, voz primordial, não é a voz vulgar, mas aquela que carrega a poesia que alimenta o Ser desde sempre. Distante da função funcionalista da *ciência-técnica*, a voz que toca o ouvinte em sua humanidade é aquela de função poética, responsável pelo saber-sabor da educação sensível. Essa educação é constituída no próprio movimento do verbo “buscar” co-movida pela razão sensível, pela voz poética tecedora de mundos e culturas. Assim, buscar a razão poética só pode ser concebida dentro da própria poesia e sua(s) lógica(s).

Faz-se necessário alcançar memória e poesia pela razão interna, ou seja, por uma lógica incorporada e não desencarnada, intelectualista separada. Uma lógica que matenha a voz viva, vibrante, durante um tecer que apresente menos explicações e mais revelações sensíveis à própria matéria, matéria de que somos feitos e que pela razão interna é transfigurada e reanimada. Ao tratar de uma racionalidade interna o termo *raciovitalismo* é denominado e sobre ele se afirma

existe uma estreita ligação entre um conceito – que caracterize um povo, uma civilização, uma comunidade específica – e a vida que o exprime. É isso que podemos chamar de *raciovitalismo*. O que quer dizer que uma entidade, seja ela qual for, encontra sua razão de ser em si mesma, é causa e efeito de si mesma, é seu próprio fundamento (*Grund*), a partir da qual ela pode difundir-se indefinidamente. (MAFFESOLI, 2008, p.63)

O autor, ainda sobre o desenvolvimento de uma razão interna, nos assevera que ela se aporta num *pensamento orgânico*. E, é pela ordem deste *pensamento* que a razão interna, por um lado encontra seu impulso a partir de si própria e, por outro lado estabelece uma conjunção nova, expressa a seu modo, um organismo vivo que encontra em si sua própria forma e engendra seu próprio dinamismo, assim gera infinitas possibilidades de se revelar. Essa lógica promove uma poética da diversidade, o que corresponde bem melhor às relações dos seres humanos, à vida e ao mundo e por isso mesmo, ao fazer científico sensível.

A promoção de uma poética da diversidade se faz pela própria busca, pelo sair do cômodo confinamento da lógica do *dever ser* que paralisa os pensamentos e as relações humanas e, se lança a uma poética da relação no mundo, como nos diz Glissant (2005, p. 31) ao reportar-nos ao imaginário de um pensamento do *rastro-resíduo*. Pensamento este que revela: “o ato poético é um elemento de conhecimento do real”. Assim, o conhecimento do real pela Poesia fundamenta e faz acontecer a busca por dentro do próprio trajeto e, como ato poético. Buscar uma razão poética que constitua a Educação Sensível é ato poético.

Fios teórico-metodológicos da trama

O caminho teórico-metodológico da investigação em Educação Sensível pelos fios das poéticas orais tem na voz de narradores a grande fonte. Isto porque, o encontro no decorrer da pesquisa é com a voz que carrega a memória mítica e a criação *poiética* e, tais elementos fundamentam em grande parte este campo. Memória e Poesia são categorias

conceituais indispensáveis à trama da pesquisa. E nesse sentido, tais categorias apresentam-se como conteúdo necessário à compreensão da educação sob uma perspectiva sensível, a partir da vibração da voz crepuscular de narradores que desvelam a Amazônia e seus modos de vida. Assim, a abordagem teórica fundamenta-se no conceito de memória desenvolvido por vários estudiosos, entre eles, em estudos sobre o pensamento mítico entre os gregos, temos

as filhas de Mnemosyne, ao lhe oferecer o bastão da sabedoria (...) ensinaram-lhe a “Verdade”. Elas lhe ensinaram o “belo canto” com o qual elas próprias encantam os ouvidos de Zeus, e que fala do começo de tudo. As musas cantam, com efeito, começando pelo início (...) o aparecimento do mundo, a gênese dos deuses, o nascimento da humanidade. O passado revelado deste modo é muito mais que o antecedente do presente: é sua fonte. Ascendendo até ele, a rememoração não procura situar os acontecimentos em um quadro temporal, mas, atingir o fundo do ser, descobrir o original, a realidade primordial da qual saiu o cosmo e que permite compreender o devir em seu conjunto. (VERNANT,1973, p.76-77)

É a memória como fonte que interessa, aquela que toca o original e que pelo sopro da voz poética revela quem somos e, assim, nos permite promover uma educação mais condizente com a essência humana que nos faz Ser em qualquer tempo, espaço e condição. Voz de uma educação sensível.

Para além do conceito aristotélico de Poética, com seu sentido de força criativa, atenta-se, ainda à referência do medievalista Paul Zumthor (2007, p. 12) que claramente distingue a ideia de literatura da ideia de poesia que, para ele, é “uma arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização, fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas”.

Desse modo, o autor defende a perspectiva do problema da *poesia vocal* e não da literatura oral como comumente o próprio campo das poéticas orais costumam se utilizar para abordagem do tema. A crítica feita por Zumthor (2007) refere-se à noção de literatura que é demarcada historicamente com referência à civilização europeia entre os séculos XVII ou XVIII e hoje. As perspectivas epistemológicas de Educação Sensível, à luz das poéticas orais correspondem à reflexão realizada pelo medievalista. A voz poética a que se dedica esta trama é concebida fora da concepção eurocêntrica de literatura, uma vez que é a energia da vocalidade humana que vibra o primordial e, deste modo, educa para/com sensibilidade.

O campo das poéticas orais, que originalmente se apresentou como contraposição ao discurso hegemônico e autoritário canônico de uma historiografia literária, serve bem ao campo da educação, uma vez que, no estudo da voz, a matéria poética presente nas narrativas desvela uma educação sensível que vibra a vida social e alimenta o *imaginário estetizante* da cultura amazônica.

À luz das poéticas orais, pode-se desenvolver uma pesquisa cartográfica de cunho etnográfico. O método cartográfico responde bem aos objetivos da investigação neste campo, uma vez que por ele a interpretação não corresponde à cisão com o mundo do sujeito interpretante, ao contrário, vai ao seu encontro: a abordagem cartográfica convida o sujeito a viver um processo e a partir deste vão ligando desenhos e, neste caso, ligam mapas de voz mergulhados na cultura dos sujeitos participantes do processo, o que para Martín-Barbero (2002, p.15) “implica não só a tarefa de ligar, mas também a mais arriscada e fecunda, de redesenhar os modelos, para que caibam nossas diferentes realidades”. O pesquisador cartógrafo, para tanto, deve apresentar uma postura sensível para o encontro destas realidades, os poros abertos para o encontro com a verdade construída com o Outro. Como sugere Deleuze e Guattari (2011), este processo de trabalho de campo em contato com as poéticas da voz corresponde à produção de mapas flexíveis, desmontáveis, aberto à dinâmica cultural própria da vida que gera os acontecimentos.

Fazer a escolha metodológica é fazer também uma opção epistemológica. Não se trata apenas de selecionar técnicas, desenhos estruturados e modelos de abordagens. A abordagem em si é reveladora da ciência que o pesquisador engendra. Neste sentido, a reflexão e desenvolvimento do tema em questão, só é possível num paradigma que problematize a epistemologia positivista cartesiana da ciência moderna. O exercício de uma ciência sensível é indispensável para a reflexão/elaboração de uma razão poética que fundamente a educação sensível. Assim, torna-se imprescindível a ruptura epistemológica com a educação moderna, uma vez que o pensamento poético não responde bem à *ciência-técnica*, desenvolvida e legitimada por ela.

é o que se pode dizer da ciência moderna: que é *ciência-técnica*; que se esvazia de arte; que se priva da sabedoria; que se serve mal da linguagem e da palavra; que não dialoga. [...] diz-se, também, da arte que se expressa, forte, através da *ciência-saber*. A *ciência-técnica* é hegemônica, enquanto a *ciência-saber* é fronteira. A *ciência-técnica* cultua a velocidade à luz da racionalidade. A *ciência-saber* é vagar, é paciência, é lentidão, é artesanaria. É *arte de saber o mundo*. A *ciência-saber* [...] é

Fios teórico-metodológicos nas poéticas orais: tramas de pesquisa em educação sensível na Amazônia

discurso em prol da sabedoria. É discurso contra a *corrupção da arte em nós e contra a corrupção da arte da ciência*. (HISSA, 2013, p. 21; grifo do autor)

Lembramos novamente Boaventura de Sousa Santos (2010) quando afirma que o terreno das artesanias das práticas é o terreno da ecologia de saberes, logo, é exercício indispensável para o nosso tempo, afinal buscamos dar respostas mais fortes às perguntas fortes que este tempo de transição paradigmática nos tem imposto. Assim, é preciso estar atento à diversidade complexa em que estamos imersos neste *caos-mundo*. Importa compreender a diversidade poética presente na voz individual e coletiva investigada, nela o que determina o jogo da vida não é o falso pensamento universal instituído pela lógica do pensamento moderno, e sim a ordem da diversidade constituidora das relações.

deixamos de ter esperança em relação ao caos-mundo. Mas é porque ainda tentamos encontrar nesse caos mundo uma ordem soberana que reconduziria uma vez mais a totalidade-mundo a uma unidade redutora. Tenhamos a força imaginária e utópica de conceber que ele não significa o caos apocalíptico dos fins de mundo. (...) no encontro das culturas do mundo, precisamos ter a força imaginária de conceber todas as culturas como agentes de unidade e diversidade libertadoras, ao mesmo tempo. (GLISSANT, 2005, p. 85-86)

Fazer uma ciência sensível pressupõe ir ao encontro de uma unidade e diversidade poética no *locus* de pesquisa. Para tanto, optar por vozes de velhos e de crianças pode ajudar a conceder a força imaginária necessária. Como sujeitos da pesquisa, velhos e crianças, muitas vezes alijados por esse sistema social produtivista em que vivemos, poderão “dar as chaves” para refletirmos uma educação sensível, seja pela memória experiente do velho ou pela potência criadora da criança. Na concepção de Ecléa Bosi (1994) o velho é apresentado como valor de experiência vivida e, por ela, o tratamento da memória humana se relaciona com o sentido de que o velho, ao lembrar o passado se ocupa consciente e atentamente do próprio passado como substância da vida. Logo não podemos compreender a educação de razão poética sem as vozes dos velhos, no sentido de que são eles guardiões da memória e assim cumprem o papel fundamental de transmissão do tesouro cosmológico às gerações posteriores.

A criança, então, é indispensável para identificar se há o repasse, pela voz poética, da tradição e, desse modo, sua manutenção, atualização e movência, observados na ressonância e reverberação em seus influxos vocais a vibração da memória ancestral presenteada pelo narrador velho. Além disso, a criança, como sujeito da pesquisa, promove

o encontro com sua imaginação criadora apresentada por Bachelard (2001) em sua *Poética do Devaneio*. Nesta obra ao tratar dos devaneios da infância, o autor nos afirma que os devaneios da criança não são apenas devaneios de fuga e sim de alçar voo. Por isto é imprescindível sua voz sonhadora e criadora para a realização de um fazer científico de razão poética. O narrador da experiência que toca a memória do primordial – o velho, junto ao narrador da força criadora do sonho do voo – a criança, podem fazer o tecido que vibra a voz numa razão poética que faz a educação sensível.

As imagens reveladas pela voz dos sujeitos deverão ter um trato analítico sustentado em seu conteúdo próprio: a poesia. As imagens buscadas no campo das poéticas orais são as que ultrapassam a realidade, reveladas pela voz crepuscular do real na irrealidade e do irreal na realidade. O sentido precisa ser o de perceber/compreender o fenômeno por sua razão interna, contrapondo-se à razão funcional ou instrumental a qual nos habituamos. A razão interna favorece a problematização da recusa da lógica do pensamento poético, ou seja, a negação da razão poética. Por esta razão será possível tocar uma educação sensível.

é essa sensibilidade que pode permitir compreender o que vem a ser uma racionalidade aberta(...). Assim se exprime a sinergia da razão e do sensível. O afeto, o emocional, o afetual, coisas que são da ordem da paixão, não estão mais separados em um domínio à parte, bem confinados na esfera da vida privada; não são mais unicamente explicáveis a partir de categorias psicológicas, mas vão tornar-se alavancas metodológicas que podem servir à reflexão epistemológica, e são plenamente operatórias para explicar os múltiplos fenômenos sociais, que, sem isso, permaneceriam totalmente incompreensíveis. Em outras palavras, é preciso fazer de uma fraqueza uma força inegável, e perceber que, ao negar certos aspectos do dado mundano, corre-se o risco de culminar com seu retorno em massa de maneira perversa. Numa palavra, compreender que a racionalidade aberta integra como parte o seu contrário, e que é dessa conjunção que nasce toda percepção global. (MAFFESOLI, 2008, p. 53-54)

A razão poética alarga e/ou aprofunda o conceito de razão sensível de Michael Maffesoli (2008). Para além de uma razão fundada na lógica de uma *deontologia*¹, do pensamento orgânico e de uma razão mais aberta, como desenvolveu o filósofo acerca da razão sensível, a busca por uma razão poética faz sentido quando se funda numa ética e estética próprias, constituidoras do *ethos* que faz os sujeitos e suas relações na construção da vida e do mundo promotora da diversidade poética que revela a cultura plural do caos-mundo onde estamos imersos.

É inesgotável a diversidade dos saberes e das experiências humanas. Porque então não falarmos e assumirmos a diversidade poética como construção de uma educação que rompe com o paradigma hegemônico e se propõe a elaborar outra episteme que faça o

exercício de transgredir a ordem violenta da epistemologia que resguarda o pensamento moderno ocidental? É indispensável, nestes tempos de transição, o exercício de interrogações epistemológicas contextualizadas na produção e reprodução do conhecimento. A *poiésis* é uma via possível e necessária por onde caminhamos, pois, por ela, como explicita Nunes (2001, p. 20), damos forma, engendramos “uma criação que organiza, ordena e instaura uma realidade nova, um ser”. A nova realidade sonhada será feita pela poética do Ser humano.

Linhas finais de uma trama sem fim

As vozes de diferentes lugares chegam para nos ajudar a pensar epistemes, a propalar a voz que nos concebe como seres gestados na diversidade, expressa nos dizeres de diferentes ordens, pois somos tupis que tangem alaúdes sim e nos constituímos pela força do mítico, pela voz da escritura, pela palavra proferida oralmente, pelo rio, pelas misturas. Pensar/fazer pesquisa pelos fios das poéticas orais em educação sensível no tempo/espaço amazônico é trama infinda tecida por fios de cores, tamanhos, texturas, espessuras das mais diversas. Na tessitura deste artigo, reflexões e sugestões teórico-metodológicas foram costuradas com linhas teóricas que pensam uma ciência sensível, ciência saber, afastada da ordem hegemônica da ciência técnica prestigiada pelo paradigma da modernidade, mas uma ciência que promove o exercício de uma razão poética que vibra a voz da cultura amazônica em diferentes vozes (inclusive aquelas feitas de silêncio).

A educação, presente na voz poética, se afasta da lógica formalista que fazem, preponderantemente, nossas instituições em todos os níveis. Independente disso, essa voz continua educando e regulando a vida na Amazônia e nos diferentes lugares e culturas do mundo inteiro. A poesia da voz é sopro forte de contravenção e resistência. Faz uma educação de movimento, deslocamentos que pulsam uma ética do habitar poético, para além do agir. Ética pautada num pensamento radical distante da lógica moralista do *dever ser*, mas que responde ao pensamento e reflexão que vai à raiz das questões e, onde a complexidade é presente, como é presente na voz que interpreta e canta a vida. O pensamento radical sabe dizer o complexo ao mesmo tempo em que reconhece os

segredos que fazem o indivíduo e seus coletivos sociais que constituem a(s) realidade(s) buscada(s). A voz reveladora da *poiésis*, portanto, move uma educação que exercita este tipo de pensamento, o que nos dá a existência e que, em alguma medida, vibra o mistério da vida.

O lugar ocupado pela voz foi e é, sempre, lugar de poder. A voz penetrada pela *poiésis*, voz pulsante do *ser*, vibra ressonante o sentido da existência humana. Assim, a educação promovida pela voz poética, *educação sensível*, responde bem ao ser humano em suas relações consigo, com a vida e com o mundo. O que faz constituir e manifestar o sentimento de *outridade* tão necessário para vivermos a diversidade característica de nosso tempo. Educar para viver uma *poética da diversidade* é propósito primal de uma educação para/com/do sensível. E esta, nos parece ser a ordem do dia, diante do desassossego global vivido nestes tempos de transição paradigmática que exige de nós *respostas fortes* frente às questões fortes que nos impunha. Desse modo, a trama infinda na busca por outras lógicas como a da razão poética, diante das *respostas fracas* que o paradigma positivista cartesiano tem dado, é exercício possível e necessário para a realização de uma *educação sensível* com seus valores complexos, conjuntivos, paradoxais do pensamento, uma educação de voz *poética* para uma poética da voz que, por si só, educa ao fazer revelar o ser, a vida e o mundo em profusão.

Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Souza. 3ª ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A Epistemologia**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2006.
- _____. **A poética do devaneio**; tradução de Antônio de Pádua Danesi: 1ª ed. 3ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **O direito de sonhar**; tradução de José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Isabel Raposo, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. São Paulo: DIFEL, 1985.
- _____. **O novo espírito científico**; tradução de Juvenal Hahne Júnior. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo travessias latino americanas da comunicação na cultura**. Trad. Fidelina González. São Paulo. Fondo de cultura: Econômica. 2002.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, Volume I. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FARES, Josebel Akel. Poéticas orais, um caminho para educação sensível. In CASTRO, A.M, Queiroz, M.A. Baracho, M.G (org). **Assimetrias e Desafios na Produção do Conhecimento em Educação: a Pós graduação nas regiões Norte e Nordeste**. Rio de Janeiro: ANPED, 2015.

FAVACHO, Dia. **Educação sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular**. Belém: Paka-Tatu, 2018.

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HISSA, Cassio Eduardo Viana. **Entrenotas: Compreensões de Pesquisa**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O Elogio da Razão Sensível: 4ª ed.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAIS, Eneida Costa de. **Cão da Madrugada: organizadores Josebel Akel Fares, Paulo Jorge Martins Nunes. 3ª ed.** Belém, PA: Paka-Tatu, 2020.

NUNES, Benedito. *Um conceito de cultura*. **Revista da Universidade Federal do Pará**. Belém, Imprensa Universitária, 1973.

_____. **Introdução à filosofia da Arte**. São Paulo: Ática, 2001.

SANTOS, Boaventura de S. Um Ocidente Não Ocidentalista? A Filosofia à Venda, a Douta Ignorância e a Aporia de Pascal. In: _____; MENEZES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia e história**. São Paulo: EDUSP, 1973.

ZUMTHOR, Paul. **Estrutura e Nomadismo: entrevistas e ensaios**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007

Nota

ⁱ De acordo com Maffesoli (2008), a lógica da deontologia corresponde a uma consideração das situações (ta deonta) naquilo que elas têm de efêmero, de sombrio, de equívoco, mas também de grandioso.

Sobre as autoras

Dia Ermínia da Paixão Favacho

Doutoranda e Mestre em Educação, linha de Saberes Culturais no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará (UEPA); especialista em Língua Portuguesa e Análise Literária – UEPA; graduada em Pedagogia - UEPA. Professora SEDUC/PA, cedida à UEPA como assessora pedagógica do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). Membro do grupo de pesquisa CUMA-UEPA e do grupo de pesquisa Estudos de Narrativas na Amazônia- Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do GT de Literatura Oral da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). E-mail: favachodia1@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3320-0039>

Josebel Akel Fares

Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA, 1997); estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). Professora titular da Universidade do Estado do Pará (UEPA) no Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Educação. Líder do Núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). Membro de entidades científicas, como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL/GT de Literatura Oral e Popular) e a Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED). E-mail: belfares@uol.com.br – Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2384-0582>

Recebido em: 22/07/2020

Aceito para publicação em: 14/08/2020